

VIEIRA, Suzane de Alencar. 2015. *Resistência e Pirraça na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité*. 425 p. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro.¹

Gabriela de Paula Marcurio²

Resumo: Esta resenha da tese “Resistência e Pirraça na Malhada”, resultado do doutorado de Suzane de Alencar Vieira em Antropologia Social, no Museu Nacional, pretende articular, de forma resumida, as reflexões propostas por essa pesquisa com os quilombolas da Malhada, no sertão da Bahia. Tenho o objetivo de evidenciar os modos de viver e pensar dessa comunidade, de acordo com a pesquisa da antropóloga, elucidando o contexto de ameaças constantes em que vivem: cercados pelos interesses capitalistas sobre suas terras, os quilombolas resistem ao ‘cativeiro’ na tentativa de garantir seus modos de vida. Além de inserir o debate central com a literatura, fundamentado nas perspectivas da antropologia simétrica.

Palavras-chave: Antropologia, Comunidade Quilombola, Afroindígena, Bahia.

Resenha

A tese de doutorado da pesquisadora Suzane de Alencar Vieira defendida no Museu Nacional, em 2015, consiste em uma etnografia da comunidade quilombola da Malhada, localizada no município de Caetité, no sertão da Bahia. A antropóloga acompanhou os quilombolas entre os anos de 2011 e 2014, convivendo intensamente com a população no decorrer de 2012.

O processo de reconhecimento desse quilombo teve início em 2005, contudo, de acordo com Vieira, as pessoas ainda estão “experimentando” as palavras “quilombo” e “quilombola”, considerando que a linguagem é elaborada por eles com muito cuidado na “arte de criar”³

1 Esta resenha foi elaborada inicialmente para avaliação da disciplina “Temas Contemporâneos em Antropologia Social II”, ministrada pelo Prof. Dr. Felipe Vander Velden, no segundo semestre de 2017. A presente versão foi modificada para a publicação.

2 Graduanda em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. Rodovia Washington Luís, s/n, São Carlos – SP. E-mail: gabrielamarcurio@gmail.com.

3 Escrevi entre aspas duplas as citações diretas e entre aspas simples os termos nativos, conforme as diretrizes para publicação.

(VIEIRA, 2015: 22). A comunidade, no entanto, vive a constante ameaça do “fim dos tempos”, cercada pelos interesses capitalistas: situada a dez quilômetros de distância da empresa estatal Indústrias Nucleares do Brasil (INB) e sob as insistentes tentativas de implementação de um parque eólico em suas terras. A INB extrai urânio do solo baiano, contamina a terra e a água na região, colocando em risco a saúde dos moradores. Ao passo que a vinda da ‘Eólica’, como chamam, ameaça a própria existência dessa comunidade, apesar do discurso de “sustentabilidade”.

A tese é dividida em sete capítulos, todos articulados entre si, mas não necessariamente contínuos. Cada capítulo aborda uma “arte” quilombola, no sentido técnico e criativo da palavra, as maneiras pelas quais as pessoas criam seus modos de vidas. Devido a essa criatividade quilombola que Vieira utiliza a noção de “cosmopolítica” de Stengers (2004), conceito que considera as diversas elaborações locais para interpretar o mundo, não se restringindo às elaborações científicas, ocidentais, estatais ou capitalistas. Nesse caso, a política pode ser significada por vários elementos externos aos que essas outras elaborações propõem. Assim, é possível contar a realidade quilombola em um plano simétrico, sem hierarquia entre saberes, na tentativa de traduzi-la com o exercício da escrita.

O primeiro capítulo “A Arte da *Parentagem*” traz uma apresentação do modo de vida na Malhada, conforme as relações de parentesco. A elaboração da rede de parentesco é complexa, sobrecodificando categorias que não se restringem à consanguinidade, como o compadrio, apadrinhamento e casamento. As pessoas da localidade se definem como negras e ‘tapuias’ e remetem a uma origem afroindígena. A autora não desenvolve amplamente essa questão, mas enfatiza que a constituição dos sujeitos e de sua subjetividade é moldada pela contração dessas características (VIEIRA, 2015: 53-54).

No segundo capítulo, intitulado “A Arte da *Pirraça*”, a autora explica o modo de se relacionar quilombola. As relações entre parentes e amigos são marcadas e reforçadas pelas ‘brincadeiras’ e pela ‘pirraça’, ambas operações agenciadas pelo humor. A ‘pirraça’ é uma “arte” elaborada através da linguagem e do jogo com as palavras que só é possível quando se estabelece o diálogo horizontal entre locutor e interlocutor. Quem não leva a ‘pirraça’ na brincadeira está afastado de seu emissor, não consegue dialogar, caracterizando-se como ‘treta’.

Vieira estabelece uma relação entre a criatividade quilombola e a formulação de Clastres (2011) “contra o Estado”. Na Malhada, o pensamento opera de um modo que tenta romper as hierarquias através da ‘pirraça’. A comunidade vai contra a ordem majoritária que se impõe sobre ela e a submete, como o caso da ‘Urana’, como se referem à indústria nuclear. Eles debocham do risco, da vulnerabilidade, da pretensão da ciência e do discurso da empresa. Os quilombolas lutam contra a unidade, contra o poder central que tenta aglutinar seus interesses. Eles se articulam em um mundo que é múltiplo e de interesses diversos, tendo a diferenciação e o antagonismo como necessários.

“A Arte da *Proteção*” é o terceiro capítulo, expõe o outro lado da linguagem e da articulação das palavras: para além da brincadeira, é preciso ter cuidado. As palavras têm potências, proferir qualquer palavra tem uma consequência de acordo com seu significado. O que a autora denomina de “resistência” é o que a comunidade chama de ‘romper’, isto é, “um movimento criativo contra formas de aprisionamento da vida” (VIEIRA, 2015: 219), como explicado no capítulo quatro, “A Arte de *Romper*”. Os quilombolas lutam contra o ‘cativeiro’ que pode se manifestar de diversas formas: o cercado da propriedade privada, a ida para o Sudeste em busca de trabalho, a ‘Urana’ e seu ‘veneno’ que contamina a água e a terra.

O capítulo cinco “A Arte da *Treta*” discute o agenciamento da ‘treta’ como estratégia política de resistência. Essa “arte” é comum na época de eleições municipais, quando a ‘pirraça’ fica mais intensa e a ‘treta’ mais iminente. A política quilombola é baseada na distribuição, redistribuição e reciprocidade em um plano horizontal. Isso é possível por garantir a manutenção das diferenças e dos antagonismos que viabilizam as trocas e os diálogos. Enquanto a política “vulgar” é baseada na má distribuição, já que “só um ganha”. Consiste na dominação, na subjugação, sendo que “um quer falar sozinho” pregando uma unidade totalizante que não está aberta para a diferença e convivência com a diversidade.

O capítulo seis “A Arte de *Criar*” explica essa política quilombola. A criação de pessoas, plantas e animais é organizada por uma economia de trocas e distribuições de recursos e energias. Recursos como a água são divididos para cada atividade de acordo com as ‘vontades’ dos seres “visíveis” e “invisíveis”. Cada ser tem uma ‘energia’, uma ‘sorte’ e um modo de ‘combinar’ com as coisas, fatores testados e percebido ao longo de experimentos que os quilombolas fazem durante a vida.

A autora analisa o modo de organização quilombola com as três ecologias de Guattari (1990). A comunidade pensa suas relações em fluxos interligados entre relações sociais, subjetividade e o meio ambiente. O pensamento ecológico é proposto com a máxima de redistribuição quilombola. As habilidades de captar e interpretar signos proporcionam a relação das três ecologias, de modo que são processados e pensados em horizontalidade. As relações entre sujeitos, terra e recursos naturais, ou mesmo as relações entre sujeitos acontecem em consonância para que mantenha o equilíbrio ecológico proposto na economia política dos seres.

Os conflitos que ameaçam os quilombolas são evidenciados no último capítulo da tese “A Arte de *Assuntar*”. Para se manterem, os moradores precisaram operar por outros códigos, em vez do ‘respeito’ tiveram que se submeter ao ‘documento’. Assim se iniciou o processo de reconhecimento da comunidade como quilombola. Uma estratégia política para emitir signos do mesmo tipo que os interessados em expropriar suas terras emitem. A comunidade quilombola ainda não teve suas terras reconhecidas, nesse longo processo, não há garantias para sua manutenção. Os conflitos acerca dos limites territoriais e da poluição ambiental permanecem, como na tentativa de estabelecimento da ‘Eólica’, afetando a distribuição das ecologias quilombolas em nome da “ecologia” capitalista.

A autora emancipa sua escrita pelos modos de contar e interpretar elaborados pelos quilombolas. Nos termos nativos, conforme a antropóloga caminhava ia ‘rompendo’ com as limitações da escrita, propondo uma reflexão do fazer etnográfico de acordo com as concepções locais, isso que foi definido como um ‘pegar palavras’ (VIEIRA, 2015: 87). Assim como seus interlocutores, a etnógrafa precisa caminhar muito para aprender a contar histórias, concluindo que a etnografia é uma arte da tradução, da passagem entre a caminhada e a narrativa (VIEIRA, 2015: 238).

BIBLIOGRAFIA

- CLASTRES, Pierre. 2011. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify.
- GUATTARI, Félix. 1990. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus.

STENGERS, Isabelle. 2004. The Cosmopolitical Proposal. Oct., 2004. Disponível em: <https://balkanexpresss.files.wordpress.com/2013/09/stengersthe-cosmopolitical-proposal.pdf>. Acesso em: 13/05/18.

VIEIRA, Suzane de Alencar. 2015. *Resistência e Pirraça na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Serião de Caetité*. 425 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro.